

OS AGRESSORES

*Para aqui fiquei caído num caminho escuro e pedregoso*

Shakespeare

Estou a vê-lo na televisão. Mais que a ouvi-lo. Sobretudo quando a câmara, na eminência de qualquer surpresa, lhe foca a cabeça em grande plano. Durante mais de meia hora, ele é tudo para mim, eu para ele nem existo. Eu e os milhões de pessoas que formamos o público imenso mas abstracto, através do qual ele se dirige a três ou quatro chefes políticos, exactamente como estes se lhe dirigem noutras ocasiões. Um jogo que se passa lá por cima, enquanto nós tentamos entender qualquer coisa cá por baixo. Naturalmente. O próprio das paralelas é nunca se encontrarem.

Cabelos ralos já. Irrepreensivelmente puxados para trás, com muitas brancas e bastante brilhantina. O grande matagal das sobrancelhas que se dá ao luxo de não cortar, não aparar. O olhar fixo de águia. Outras vezes de peixe. Nenhum entrevistador conseguiu apanhá-lo em falso alguma vez. Esboça um vaguíssimo e rápido sorriso, só dos cantos da boca, mostrando saber bem para onde o querem levar, e continua. Imperturbável.

Mas tens agora quantos anos? Estou lembrando a expressão invulgarmente dura de que só restam vestígios. Observo a linha flácida do queixo e dos malaras, as pálpebras inchadas que em

certos momentos quase lhe encobrem as pupilas. E as rugas. Entraste na velhice. Uma ruína.

A Lúcia resmoneia.

Uma ruína que em todo o caso não cede. Embora o papel das ruínas seja ceder à acção do tempo. De outro modo não seriam ruínas. É flagrante, contudo, que a sua maneira de dizer, apesar de bater sempre a mesma tecla (em parte também por isso?) acusa sintomas de cansaço, só visíveis por enquanto para quem o conhece bem.

Atrás de mim, a Lúcia:

— Deitas-te ou não?

— Espera. Está quase a acabar.

— Cala-me esse chato e mete-te na cama. Quero dormir.

Vira-se para a esquerda, para a direita, procurando posição. Furiosa de todo.

Estou sentado no sofá-cama, do meu lado, com os pés descalços na alcatifa. Se houvesse outro sítio onde ter o aparelho, ela podia dormir à sua real vontade e eu veria o programa como quero. Resultados do progresso. Uma assoalhada, *kitchnette* com exaustor, frigorífico metido na parede, todo o conforto moderno.

A câmara foca-o agora de mais longe. Vê-se parte da mesa, os dois entrevistadores.

— Por que é que fala então em democracia? — pergunta um deles, ao ataque.

Rapidamente, de novo grande plano. Ele sorri e acende um cigarro lentamente. Demorando a riscar o fósforo, a levá-lo até à ponta do cigarro, a puxar a primeira fumaça. Truque velho. Que não hesita em usar. Puxo igualmente dum cigarro, mas acendo-o à pressa, esperando ansioso uma resposta que, como sei, nunca virá.

— Vê lá não queimes os lençóis, como da outra vez.

Está mesmo impaciente. Ela também fuma na cama. Diz isto por dizer. Tudo o que quer é que eu desligue o aparelho, apague a luz. E eu estou com ela. Depois de um dia como o de hoje, seria bem melhor estender-me, passar-lhe um braço pela cintura, preparar-me para dormir. Se ela não quisesse brincadeiras antes de dormir. Pode ser a explicação desta pressa toda com a luz.

Mas não mexo nem um dedo. Quero seguir a entrevista até ao fim, acompanhar este jogo que não vai dar a parte alguma. Em todo o caso.

Falam agora de salários, problemas de habitação, da crise, como é fatal. Os entrevistadores são do contra, uns marioletes. Estudaram muito bem o fio da entrevista, as alusões, as perguntas directas, os fogos cruzados, os silêncios para deixarem o entrevistado espanejar-se e enterrar-se. Mas o entrevistado já comera muito pão quando qualquer deles nasceu. Passa-os à capa sem desviar um pé. Vale a pena ver-se.

Tenho os olhos grudados no *écran*. Ouvindo também, é claro. Mas já conheço a música de cor. Infelizmente.

A Lúcia aquietou-se. Ainda bem que adormeceu, o tempo passa e eu dou por mim cabeceando, já a entrevista acabou, como foi isto?, corre um bloco publicitário, quer dizer: por hoje chega. Estendo a mão para o aparelho, carrego no botão, é o silêncio.

— Até que enfim... — resmunga a Lúcia, como quem dormia já e o silêncio acordou. Mas mergulha de novo. Estendo-me na cama, apago a luz do candeeiro de pé, puxo a roupa até ao queixo, tudo como d'antes, quartel general em Abrantes.

A Lúcia dorme mesmo? Para ela tanto faz como as coisas vão. Esgotou o entusiasmo. Já nem interesse tem. Paciência. E procuro encaixar-me para dormir. Encaixar-me nela, que está voltada para o outro lado, sem dar pelos meus movimentos cautelosos, pelo menos sem lhes corresponder, dizendo, no entanto, entarameladamente, lá do seu quase primeiro sono: — Quero dormir.

Converso com o seu subconsciente: — Ainda bem, minha querida, também eu quero dormir.

E chego-me mais, procuro ajustamentos inocentes até encontrar uma posição razoavelmente confortável. Se acaso um leito a dois, desde que seja para dormir, pode ser alguma vez confortável.

Mas é cedo. No andar de cima, até agora silencioso, rompe uma telefonia — ou gira-discos, o mais certo é ser um gira-discos — em registo tão alto que, da letra gritada e repetida até

à saciedade, distingo perfeitamente algumas das palavras. Talvez seja momentâneo. Acontece. A pessoa liga o aparelho sem saber que ele está todo goelas abertas, vai lá dentro fazer qualquer coisa (em cima são quatro assoalhadas), vai à casa de banho, por exemplo, e só no regresso diminui o volume. Mas não. É para ficar. Calamidade. Como é que hei-de não ouvir a estuporada letra, desinteressar-me dela? Porque, quanto menos quero ouvi-la, mais a ouço, tão distintamente como se fosse aqui em casa. Letra estúpida, repetitiva, cansativa, merda.

— Só nos faltava esta — digo na esperança de que a Lúcia responda. Mas ela dorme de facto. A bom dormir. Como é chato estar só.

Estes gajos de cima vê-se bem o que são. Estão-se marimbando para os outros. Apesar de não ser tarde, também não são já horas para isto. Aí estão uns que não ouviram decerto a entrevista. Devem ter chegado agora, provavelmente com amigos, e a vizinhança que se lixe. Resta saber até que horas. Pagam a renda, a casa é deles, quem não se sentir bem que se mude.

Agora sou eu que me ponho às voltas na cama, sem me importar muito com a Lúcia. Tomara eu que ela acordasse, podíamos conversar, discutir, arrulhar, fazer fosse o que fosse em companhia. Mas a Lúcia não acorda apesar da chinfrineira nem eu vou acordá-la de propósito. Nestas pequenas coisas é que se vê a ternura que sentimos por alguém.

A musicata não acaba nem tem jeito de acabar tão cedo. Sacanagem. Noutros tempos, batia-se com uma vassoura no tecto. Várias vezes. Com a energia correspondente ao grau de indignação. Grandes inimizades começaram deste modo. Mas falta-me o à-vontade para ir buscar a vassoura ao armário e pôr-me a protestar como vi fazer ao meu avô. Duvido até de que, com este banzé todo, lá em cima ouvissem ou, se ouvissem, percebessem a mensagem.

Termina um disco, outro começa. É infernal. Até que descubro, de repente, o que fazer, mais de acordo com o meu tempo e sem precisar para isso de menos coragem afinal do que a arcaica utilização do cabo da vassoura exigiria. Ou seja: o telefone. É espantoso o tempo que se leva a encontrar as soluções mais sim-

ples. Vou telefonar para os gajos, aí está. Mas qual o número? Nem sei sequer como essa gente se chama.

Acendo a luz, levanto-me cautelosamente por causa da Lúcia, não vá ela querer tirar-me a ideia da cabeça, procuro na lista. É o 12: «número de telefones por moradas». Marco, portanto, o 12 e aguardo o declic da ligação.

O telefone soa no outro extremo da linha sem que ninguém atenda. Meia noite e meia ou pouco mais. Não se pode pois dizer que é hora de grande movimento. Reabro a lista com a mão livre, folheio-a dificilmente, dou com a nota de fim de página de que sempre me esqueço: «Tem dispositivo especial para atender as chamadas por ordem de entrada». Que ao ouvir o sinal de tocar aguarde, que não desligue se não for imediatamente atendido, etc. e tal. Fico pois aguardando, enquanto a tempestade acústica prossegue à vontade por cima da minha cabeça. Há avaria com certeza. É lá possível tanta chamada a uma hora destas! Porque, entretanto, já passa da uma da manhã. Desligo? Não desligo? Desligo e volto a marcar o 12. Novamente o sinal de tocar, novamente eu à espera. Um segundo de som, cinco segundos de silêncio, um segundo de som, cinco segundos de silêncio, sem parar. Agora sim! Perdi o meu lugar na fila de espera, foi no que deram as pressas, vou ter de aguardar ainda mais. Penso em ligar para as Avarias. Não pode o 12 estar avariado como qualquer outro número? Mas a fila de espera? «Não desligue se não for imediatamente atendido.» Está em causa, pois claro, o conceito de «imediatamente». O pior é que o número das Avarias também tem a mesma nota de fim de página: «não desligue...»

Quero lá saber, desligo.

E quase no mesmo instante é o meu telefone que toca. Tão inesperadamente que me assusta. Ora essa! Quem poderá ser a esta hora? Deixo-o tocar umas três vezes (agora é que a Lúcia acordará), levanto o auscultador desconfiado, talvez seja engano: — Está?

A algazarra de cima não me deixa ouvir bem. Raios os partam, caramba. Mas percebo que me perguntam se é do quinto direito e percebo também que a voz não tem nada, mas mesmo nada de amável.

— É do quinto direito, sim senhor. Faz favor de dizer.

— Olhe, daqui fala do quarto direito e é para lhes perguntar se esta pouca vergonha nunca mais acaba. Ou se é preciso eu tomar providências.

Quer dizer: a barulheira deve lá chegar e os vizinhos de baixo julgam que é aqui o regabofe. Estão fazendo comigo o que eu ia fazer com os de cima.

— Ó meu senhor — digo eu, julgando-me entre amigos. — Do mesmo mal me queixo eu. Isto é uma coisa insuportável.

— Do mesmo mal? De que mal?

— Do mesmo que os incomoda aí. Estava precisamente neste momento a tentar saber o número dos vizinhos para falar para lá, a protestar.

Com ênfase repito: — A protestar.

— Para os vizinhos de cima? Para os seus vizinhos de cima?

— Exactamente.

— Mas que têm a ver os seus vizinhos de cima com esta história toda?

— É que é de lá.

— É de lá? Que atrevimento! O senhor está a querer gozar comigo mas talvez se saia mal.

Entretanto, já a Lúcia acordou. Sentada no sofá-cama, meio reclinada no almofadão, um ombro nu, fita-me de olhos esbugalhados. Percebe tanto esta conversa toda como eu. Faz-me acenos de cabeça: que é?, quem é?, de que se trata? Eu aponto-lhe repetidamente para o chão com o dedo espetado, sem que ela consiga decifrar este insólito gesto. Encolho os ombros, tão intrigado como ela. Tento entender a voz que me trata com dureza, como se fosse à bengalada. E procuro falar serenamente, tomar as minhas distâncias.

— O senhor queira desculpar. Mas deve haver qualquer equívoco...

— Ah o senhor chama-lhe equívoco...

— Por enquanto, desculpe, não sei chamar-lhe outra coisa.

Maldosamente instilo uns pozinhos de ironia nestas minhas palavras, o que irrita ainda mais o meu interlocutor desconhecido.

— Não é a música que o incomoda?

— A música?

Voz de sincero espanto. Por momentos, partilhamos talvez a teoria do equívoco. Por momentos, digo bem, pois logo o outro volta a fincar os pés no seu chão de certezas.

— Qual música nem meia música. Quero lá saber de música. A música é outra, como o senhor sabe muito bem. A música é esta água que me está a cair em casa há mais de meia hora e me vai estragar tudo aqui. Não custa nada ter cuidado.

— Ó senhor — corto eu, aterrado com o que estará a passar-se na minha própria casa mais a antevisão de qualquer encalcrão que nem a um inimigo se deseja: arranjar um canalizador, um pedreiro, por aí fora.

Torno-me manso como um anho, passo a tratá-lo por vizinho, senhor vizinho, meu caro vizinho, prometo ir ver de que se trata imediatamente. Que me dê o número de telefone para eu falar com ele mal averigue de que se trata. E, desligando, volto-me para a Lúcia, no auge da perturbação.

— Estamos arranjados. Cai água lá em baixo há mais de meia hora!

— Cai água?

Ela atira com os lençóis (algum cano furado!, algum cano furado!), corremos à casa de banho, vendo eu logo, junto à porta, um fio escuro de muito mau agouro na alcatifa clara. E, ao abrimos, damos com o espectáculo tenebroso de um dedo de água pelo menos a cobrir todo o chão. Com mil diabos!

Mas detectamos logo — com que profundo alívio! — a causa da catástrofe: torneira do bidé aberta, a válvula por tirar. Logo por azar a do bidé, cujo avisador está entupido há tempos. E valeu-nos a torneira estar muito pouco aberta. Pouco mais que um fio. Só por isso terá levado a água tanto tempo a encharcar a casa e a infiltrar-se por misteriosos interstícios até pingar no andar de baixo.

Mas pingar, que diabo! Nada mais que a pingar. Devido a um ligeiro desnível entre o pavimento da casa de banho e o do aposento, só agora começava a passar cá para fora: fio escuro na alcatifa junto à porta. Embora com razão, o vizinho deve ter exagerado. O assomadiço! Num prédio de construção relativamente

recente, os repasses não são vulgares nem assim tão rápidos e caudalosos... Penso isto enquanto ajudo a Lúcia — eu de calças e mangas do pijama arregaçadas, ela de camisa de dormir atada à volta da cintura, ambos descalços —, a embeber os esfregões disponíveis e a espremê-los com toda a energia para dentro da sanita. Mas que estucha!

Afogueada pelo esforço, as pernas nuas bronzeadas da praia, como a Lúcia está bela! Não é «o vulgar brilho da beleza» nem «o ardor banal da mocidade», é «outra luz», é «outra suavidade» que só existem depois de um esforço assim. Flor, calor, esplendor, inconsciente apelo à grande festa dos que se amam.

Eu é que, quanto a beleza, já se sabe. Ridículo, sim, com a falta de jeito que Deus me deu para este tipo de tarefas. Depressa enxugámos sofrivelmente a casa de banho, o bastante, pelo menos, para não cair mais água lá em baixo, além da que irá ainda pelo caminho. A menos que. Pois é, a menos que. Se, além da torneira por fechar, houver maleitas nos domínios enigmáticos das paredes? Nalgum cano? Na manilha? Mas não. Foi apenas a maldita torneira por fechar e a válvula por retirar. É evidente.

— Tudo isto — diz-me a Lúcia, com os seios arredondando-se e subindo enquanto levanta os braços para enfiar uma camisa lavada —, tudo isto, amorzinho, sabes porquê? Por causa da bandida entrevista. Era tanta a pressa de a ouvires que até te esqueceste de fechar a torneira e de tirar a válvula. Já é preciso ser secretário. Esqueceres-te do bidé!

Mas diz isto divertida, agora que o sono já lá vai e a casa de banho está praticamente seca. Enquanto eu matuto em explicações para impingir ao homenzinho de baixo. Que podem ser rigorosamente tudo menos torneiras deixadas abertas e válvulas por retirar.

Atendem logo. Devem ter estado ali à espera todo o tempo, com os dentes rilhando. Julgo ouvir do outro lado do fio um resfolegar de feras.

— É do quarto direito? — pergunto afavelmente. Como se, sofrendo uma pisadela num calo, reagisse sorrindo.

— É do quarto direito, é. E então? Que é que tem a dizer-me?

Sinto que sou para ele um trapaceiro que se propõe enganá-lo nas contas.

— Olhe, meu caro vizinho. Venho pedir-lhe mais uma vez perdão, embora, como calcula, não tenha culpa alguma do que sucedeu. Também nós tínhamos a casa de banho alagada.

— Ah tinham?

Leia-se: quero bem saber que a tivessem alagada, ou não.

— Pois tínhamos, é verdade. Mas prometo fazer tudo para que não volte a acontecer. O interesse é meu também, como calcula.

O outro ruge:

— Mas ainda cai água.

— Cairá. Mas com certeza muito pouca. Deve ser um resto infiltrado na parede. Creio que há qualquer defeito na canalização. Amanhã mesmo mandarei verificar. A culpa não é nossa, enfim, não estou dentro do cano, eu não sou nenhum cano, como deve compreender.

Mas volto a apresentar-lhe todas as minhas desculpas.

— E entretanto? — volta o outro a rugir.

— Entretanto, fechámos a torneira de segurança para termos a certeza de que, se for de cá, não cairá mais água. Se for de cá — insisto para lhe prolongar a inquietação algumas horas mais. — Até lá ficaremos sem água, está a ver? Tudo menos incomodar os vizinhos. Mais uma vez desculpe e boa noite.

Esmero-me na delicadeza e digo amavelmente «Com licença» antes de pousar o auscultador.

A Lúcia, em pé, com os braços cruzados, na sua camisa lavada, muito fina, que lhe deixa ver o corpo todo à transparência:

— Muito bem, meu caro vizinho, muito bem. Vivendo e aprendendo. Só agora é que vi como sabes mentir...

— Que querias que lhe dissesse? A verdade?

E, só agora reparo, já não há música no andar de cima. Terá acabado há muito, a noite corre sem eu dar por ela. Que magnífico silêncio! Nem chinfrim de cima, nem protestos de baixo. O paraíso.

Mergulhamos finalmente entre lençóis, com a Lúcia divertida (à minha custa), sim senhor, meu caro vizinho, fechámos a tor-

neira de segurança, que finório. Abraçamo-nos, beijamo-nos, passeamo-nos, fugimos. E só adormecemos madrugada dentro nos braços um do outro.

É o despertador que nos faz saltar na cama pouco tempo depois. O frenético, odioso despertador. Saltar na cama, saltar da cama, desfazê-la reconvertendo-a em sofá, guardar a roupa, ir à sanita, tomar um duche, vais tu primeiro?, vou eu?, lavar os dentes, vestirmo-nos à pressa, já estamos noutra mundo, limparemos os cinzeiros e a casa toda no regresso. É tarde. É sempre tarde.

Damos duas voltas à chave. O andar aqui ao lado foi assaltado há meses. Mas para que serve dar duas voltas à chave? Ou são ou não são profissionais. Se sim, adeus.

Em grande plano. As pálpebras inchadas, a flacidez da pele no queixo e nos malaras. Nem a voz é a mesma. Só as ideias se conservam. E a tenacidade. Que eu invejo. Pode não chegar a vencer nunca. Pode estar profundamente errado. Mas aquela tenacidade, sim, como a invejo!

No elevador, vem de cima um matulão ainda adolescente, de grenha cor de milho, ombro encostado ao espelho. Laboriosamente masca uma pastilha elástica. A Lúcia nem dá por ele, agarrada ao isqueiro, que falha, para acender o seu primeiro cigarro de hoje. Mas eu não consigo desviar os olhos do queixo gordo e dos maxilares quadrados do moço a mascar, a mascar, mudando a pastilha com a ponta da língua para um lado da boca, depois para o outro. São segundos. Mas é na verdade singular como pode desprender-se tanta agressividade deste rapagão que nem se digna olhar-nos, de blusão e calça branca, ténis brancos, todo encostado ao espelho e a mascar, de mãos nas algibeiras. És muito capaz de ser o lá de cima, o do *rock* de ontem, meu malandro. Tens toda a pinta. Mas por que há-de ser ele e não outro qualquer, completamente diferente?

Já na rua, passo o braço pelas costas da Lúcia, pouso-lhe a mão no ombro, caminhamos assim durante alguns minutos. Ela gosta que eu faça isto (amor, companheirismo, marcha em frente) ou não gosta (proteccionismo, machismo)? O facto é que, poucos passos andados, a sinto retraindo o ombro quase imperceptivel-

mente para procurar na mala qualquer coisa. Ou a pretexto de? Iremos juntos, como de costume, até duas esquinas mais à frente.

— Estás a ver quanta gente se levanta ainda mais cedo do que nós? — diz ela.

— É verdade — digo eu.

E é. A esta hora — a única em que a cidade é suportável, digamos mesmo que agradável —, há muito espaço livre à superfície. As pessoas, apressadas mas leves, deslizam com a energia toda do princípio do dia. Frescura efémera. Só uma ou outra loja se prepara para abrir. As bancas dos jornais têm já as suas publicações enfileiradas, muito bem arrumadas, parece que estão ali assim desde ontem, desde sempre. A cidade desperta como se houvesse uma outra que não chegou a adormecer.

No *snack* do costume, leva tempo a furar até ao balcão. Isto começa cedo e a casa são dois palmos. Entre costas voltadas e cotovelos perigosos, conseguimos engolir o nosso galão e o nosso bolo da manhã. E, ao voltarmos à rua, atravessar as faixas de rodagem já exige outra atenção, os autocarros vão cheios, sai do chão gente às golfadas. A modificação processa-se minuto após minuto. Está de regresso a ameaça.

— E pronto — diz a Lúcia, risonha, estendendo-me os lábios para um beijo.

Ela vai para a direita, até à próxima estação do metro, eu em frente. Dentro em pouco estará a ser apertada, esmagada, possivelmente pisada no comboio subterrâneo. Por ali, há muito o clima é de batalha. Contanto que não lhe roubem a mala. Que, quanto ao resto, sabe ela defender-se bem. E, depois, o escritório. Onde está o Alfredo. E muita gente mais. Por que volto a pensar no Alfredo? Foi uma ciúmeira sem motivo, pacovice. Tudo porque ela falava muito nele (como noutros e noutras) e, um belo dia, silêncio. O Alfredo já não está lá no escritório? Que sim, pois claro, não consta que o tenham despedido. Mas não falas nele há muito tempo. Porquê? Não falo nele? Essa é boa, não tem calhado, sei lá. Mas corou. E foi o ter corado que atçou essa estúpida suspeita. Passageira. Sei muito bem que não chegou a haver nada. E, se sim, que terá sido? Uns cafés a dois no intervalo do almoço? Um pouco mais? A Lúcia seria incapaz de ir para a cama

com alguém, tenho a certeza, sem pôr logo as cartas na mesa. Com ela é sempre jogo limpo. Direi o mesmo de mim? Bom, bom, bom. Os homens são outra coisa, será isso? Aí está ao que ela chama machismo. Ou chamaria. E eu? Que diabo hei-de eu chamar-lhe?

A bicha do meu autocarro cresce com os quartos de segundo. Esta canga diária. Apresso um pouco o passo como quem não quer a coisa. O inimigo vem de todos os lados, em todas as direcções. Ataca. Daqui até ao fim do dia, é esta a lei: chegar primeiro, não ficar pelo menos muito atrás, ter olho vivo. Ao falar para as câmaras, ele pensará em coisas destas? Nesta luta constante de todos contra todos nem se sabe às vezes bem porquê? Nesta latente hostilidade?

— Ó cavalheiro! — dizem atrás de mim para um fulano de idade indefinida mas muito apessoado que tentou instalar-se à minha frente em vão e foi tentar a sorte lá mais para diante. — Há uma bicha!

Mais alto ainda: — Estou a dizer que há uma bicha!

O fulano não ouve ou faz que não, continuando as suas discretas tentativas.

— Ó cavalheiro! Digam a esse cavalheiro que o seu lugar é cá atrás.

Corre um sussuro. Estar-lhe-ão dizendo. Com cautela. Porque a maioria das pessoas, embora não ceda um palmo (resistência passiva e silenciosa), não gosta nada, mesmo nada, de arranjar sarilhos. Mas há também gente assim, sempre pronta a intervir, a arregaçar as mangas. São a alegria das ruas e uma bênção quando têm razão.

E eis que chega o autocarro, toda a bicha se agita, começam a subir. Avanço com os outros na dúvida do costume: caberei? Estão-se espremendo lá dentro como uvas na cuba duma adega. Consigo pôr um pé no estribo, empurrado de baixo, de encontro à mole humana que transborda. Vou sendo içado, comprimido, entro na cuba. E quem é que vejo já no meio do corredor, embora aflito com a falta de ar, os apertões? Pois nem mais: o fulaninho apessoado, o «cavalheiro», sem ninguém querer saber disso para nada. O que protestava sumiu-se. Ninguém endireita o

mundo. Ou não conseguiu lugar, ou não era este o autocarro que esperava.

De qualquer modo, cá estou, sem poder mexer um braço, agarrado a um balaústre (sorte!), entre gente que transpira e cheira. Já lá vai a frescura da tal hora da manhã. Neste momento, a Lúcia terá chegado ao seu escritório transpirada também, ter-se-á sentado à secretária, falará com os colegas, com o Alfredo, por exemplo (o Alfredo outra vez).

Mas por que é que isto não anda? Ninguém pergunta nada. Ninguém fala. Aguenta. O destino desta massa aqui encaixotada é esperar, deixar-se ir na onda imensa quando for a altura de ir, eles é que sabem. *Eles*. Há milhares de *eles*. O entrevistado de ontem será um desses também. No mesmo grau de muitos outros. E, em graus diferentes, por aí abaixo é um nunca acabar de *eles*. *Eles* querem, *eles* não querem, *eles* fazem, *eles* não fazem, *eles* deviam fazer. O que resta, e são milhões, aguarda, aguenta, volta a seguir, volta a aguardar, nem pensa muito nisso. Massa informe e maleável, cuja vontade, ao que se diz, é «soberana».

E ouço enfim o motorista, que não vejo, rodeado como estou de ombros e cabeças, por entre os quais só alcanço uma nesga da rua.

— Ó senhora, não há troco. Que é que quer que eu lhe faça? Mesmo que o tivesse não trocava. Não tenho tempo para isso. E, ainda mais impaciente:

— Trate de sair que eu não posso estar aqui à espera. Eu é que sei? O problema é seu. Faça favor de sair.

Vozinha de velhota desesperada e lacrimosa: — Ó meus senhores, ninguém tem troco aí de quinhentos escudos, por favor?

Silêncio de chumbo. O motorista destempera: — Ponha-se a andar, mulherzinha, que tenho de fechar a porta. Deixe-me seguir.

— Por alma de quem lá têm! Ninguém me arranja troco?

Ninguém responde. Ninguém sequer volta a cabeça. Quem disporia, aliás, do mínimo de espaço para tirar a carteira da algibeira ou do saco, abri-la, procurar? Quem faria chegar o troco lá à frente (com a certeza de que lá chegava) sem ter recebido a nota antes? Além de que em todos nós começa a instalar-se uma pontinha de aversão pela velhota invisível. Deus nos perdoe. Mas

também querer comprar bilhete, e a esta hora, com uma nota de quinhentos! O homem (isto é: o pobre do homem, o coitado do homem) não pode fazer tudo ao mesmo tempo. Tem um horário a cumprir. Se fosse trocar notas de quinhentos em todas as paragens, olhem lá o serviço!

E enfim partimos. A passageira indesejável (imagino-a de lenço preto e de chinelos) deve ter ficado na beira do passeio dizendo mal à sua sorte, com possível apoio dos circunstantes: «isto é uma malta que só visto, não querem saber de nada». E nós seguimos, empurrando-nos uns aos outros (já nem se pede desculpa, é a rotina), ora para a esquerda, ora para a direita, para a frente, para trás, nas curvas apertadas, nas travagens bruscas frequentes. Dois minutos depois ninguém se lembra da velhota. Para mim, não foi mais do que uma voz.

Mas ainda a levo nos ouvidos. «Por alma de quem lá têm!» Que problemas, que aflições, que dramas levarão uma pessoa a empregar expressões destas a propósito de um troco? Ou seria alguém de cérebro tão esclerosado que nem entende a conveniência de trocar uma nota de quinhentos escudos antes de trepar para um autocarro? Ou seria uma criatura chegada da província à procura da única morada que lhe deram desta cidade para ela imensa? De qualquer modo, o que somos é chacais. Ninguém fez nem isto para ajudá-la. Ninguém sequer lhe respondeu. Eu também não. A Lúcia vai censurar-me. É mais que certo. E justo. Resta saber se ela não faria o mesmo. Nunca digas: desta água não beberei. Tudo depende do local onde se está, da sede que se tem.

Entre a paragem em que desço — à custa de muitos «com licença, com licença, vou sair aqui» — e a porta da minha empresa, são uns bons duzentos metros. Como é bom ter de andá-los! Esqueço as vozes todas que me cercam, desenferrujo as pernas, vou esticando as mangas do casaco, compondo o nó da gravata. Palpo discretamente o bolso da carteira, o do porta-moedas. Tudo em ordem. No passeio, como em todos os passeios, pontas de cigarro e dejectos de cão, papéis. «Conserve a cidade limpa», rica ideia. Mas seria preciso um polícia por pessoa, o que resolveria o problema do emprego mas afundaria o OGE definitiva-

mente. Passadas as torturas dos transportes colectivos, aí está, começar um dia é sempre bom. Não se leva nada (ainda) muito a sério. Nem mesmo os escorritos rapazes, de braçadeira vermelha e bic em riste, multando escrupulosamente alguns carros estacionados onde não deveriam. Como centenas e centenas de outros, com mais sorte. O que aliás não me diz respeito. E o que não nos diz respeito é destas coisas.

Na empresa, porém, espera-me uma surpresa. Tomo primeiro uma bica com o Borges, que mete o braço no meu ao sair do elevador: «Vamos aqui ao bar.» Conversamos um pouco, o Borges é danado para falar, boataria caseira. E, ao entrar no gabinete, meu e de mais dois colegas que por sinal ainda não chegaram, vejo na minha secretária a pilha de folhas do costume. Vieram de secções espalhadas por este edifício enorme, tenho de analisá-las, confrontá-las, averbá-las, despachá-las para outras secções, o que vai ocupar-me até ao fim da tarde. Atendo o telefone interno várias vezes (de manhã é que começa o dia), forneço informações, obtenho informações, já entretanto o Albino e o Magalhães chegaram (como vai isso, pá?), tomaram os seus lugares, iniciaram tarefas mais ou menos como as minhas. Tudo isto rotina. Logo à noite, cinema. A Lúcia quer ver um filme não sei quê, é do Godard, parece. Terei prazer com isso. Faz bem sair um pouco, ver outra gente, encontrar talvez amigos.

Mas, de súbito, abre-se a porta. É o pacote e é para mim. Que está gente lá fora à minha espera. Há uns dez, quinze minutos.

— Não vi ninguém quando entrei.

O rapaz ri-se, malandroco.

— E para que é a saleta de espera?

Encafua sempre lá quem quer que seja, para o caso de não se querer atender e ele dever comunicar: «ainda não chegou» ou, de preferência, «não vem hoje».

— Disseste que não recebo aqui ninguém?

— Sim senhor. Mas ela não quis saber. Diz que é uma prima da província e nunca o encontra em casa.

— Não podia telefonar?

— Isso não sei.

Mas prima? Da província? Não me lembro de nenhuma prima. Da província? Sei lá. Talvez tenha realmente primas na província. O rapaz é muito capaz de ter dito que estou (untaram-lhe as mãos provavelmente), acabo por mandar entrar a hipotética parente, de muito má vontade. A gerência não gosta que se perca tempo no serviço com assuntos particulares. O rapaz está farto de o saber. Untaram-lhe as mãos, é mais que certo.

E entra a prima, uma morenaça puxavante que não me lembra ter visto em lado algum, acompanhada dum grandalhão bem posto, um marido, um amante, mais parece um guarda-costas. Do outro lado da sala, atrás deles portanto, o Albino, delicado, dá redobrada atenção aos papéis com que trabalha, enquanto o Magalhães, que é de outra espécie, me pisca o olho: «Que peixão!» Avalia-a, sabido, da cabeça aos tornozelos. E, embora lhe não veja a cara (nuca e espáduas, a linha sinuosa das ancas aos artelhos são o seu campo de análise), faz que sim com a cabeça, como quem acaba de provar um vinho raro. E capitoso.

Estou em pé, à espera de entender de que se trata. Ela estende-me a mão (calorzinho agradável) e apresenta o companheiro:

— É o Zé. Não te lembras de mim?

— Realmente...

Não me lembra nada dela e não sei o que fazer dos dois intrusos. No gabinete há apenas o material indispensável ao serviço. E, além das nossas, uma cadeira só, de momento ocupada com uma rima de grandes livros de registo.

Tento o recurso habitual:

— Não haverá um equívoco?

Mas ocorre-me o telefonema com o vizinho de baixo, ontem à noite: «Ah o senhor chama-lhe equívoco?», e travo logo.

— Sou a filha da tua tia Dores, a Juliana.

Di-lo torneando um pouco o busto para eu poder apreciá-la, assim parece, de frente e a três quartos. Tia Dores? Foi o que ela disse: tia Dores? Estou a ver: era irmã do meu pai. Mas não tínhamos relações com ela praticamente desde sempre. Uma lembrança mais de ouvir contar do que outra coisa. Um nome ligado a histórias nebulosas, delidas pelo tempo que nada me dizem hoje. Pelo menos assim, tão de repente. Mas que tivesse ela, a

tia Dores, uma filha e que esta me tratasse por tu é que é novo para mim.

— Já te lembras agora?

Tem uma voz sobre o rouco, que associo à imagem erótica duma mulher de escuro, preto ou roxo, e chapelinho de véu curto aveludando a mancha dos olhos na penumbra e deixando a descoberto uma grande boca vermelha, grossa, recortada. Imagem que pouco tem a ver com a mulher real aqui na minha frente, sem chapéu nem véu algum, mas que justifica plenamente a piscadela de olho que, atrás dela, o Magalhães repete.

— Mas afinal de que se trata?

Ela olha para o homem-torre, truncado, que a acompanha, como que a perguntar-lhe: «Achas que fale aqui?», corre os olhos à volta em busca de onde se instalar.

— Bem — digo eu. — O melhor é irmos até lá fora.

Muito longe de dominar a situação, dou a volta à secretária, faço-os sair do gabinete, encaminho-os para a saleta onde tinham estado à espera. Aqui há lugar para os três, à justa: um meiple, onde ela se senta logo, traçando a perna, acendendo um cigarro, e duas cadeiras vulgares, uma para mim, outra para o Zé. Esta range, eu começo:

— Vão direito ao assunto, por favor. Não tenho tempo a perder.

Ela sorri com vagares de gata ronronante, olha outra vez o homem, fita-me com uma ternura ao mesmo tempo sobranceira e maternal.

— É muito simples mas leva tempo a explicar. Como sabes, a minha mãe morreu.

— Ah morreu?

Apanhado no laço. Dou-lhe, ou não, os sentimentos? E fico furo por começar assim a aceitar que ela é de facto minha prima.

— Mas morreu há dez anos. Ou onze, o tempo passa.

Ah bom, é história antiga. Desfaço a expressão de mágoa que espontaneamente se formara, mas continuo em guarda. Tudo isto cheira a esturro.

A voz dela, sobre o rouco:

— Não poderás sair para irmos conversar em qualquer lado?

Meus Deus! É um convite. Que, se não fosse o companheiro, se diria escabroso.

— Impossível.

— Seria muito mais fácil.

— Nas horas de serviço nunca saio. Nem posso interromper o trabalho. É melhor expores já o que os traz por cá.

Expores! Eu disse «expores», o que mostra de sobra a minha irritante estupidez. Acabo de entrar assim todo inteirinho neste jogo. Que talvez não seja nenhum jogo, calma aí. Talvez ela seja realmente filha da tia Dores, portanto minha prima e nada mais natural que tratarmos por tu. Talvez tenhamos brincado juntos em crianças, porque não? Apenas eu esqueci-a, o que bem se compreende. E ela, vivendo no meio muito mais restrito da província, nunca me esqueceu. Faz sentido. Mas onde há nela seja o que que for de quem vive na província?

— Já te procurei em casa várias vezes. Nunca encontro ninguém. E há a tua mulher, sei que és casado. Talvez não gostasses que esta conversa fosse à sua frente.

Deita a cinza no cinzeiro de coluna que ela própria colocou entre o meple e as cadeiras. Que vem fazer a Lúcia no meio disto?

— Não compreendo. De que é que afinal se trata?

A Juliana não tem pressas, faz com os lábios um trejeito de dúvida (quanto a gostar eu, ou não, de que a minha mulher ouvisse o que tem para me dizer), inala o fumo do cigarro até ao fundo, expele-o muito lentamente. Tem mesmo o vício de fumar.

— Olha, o melhor é almoçarmos juntos. Sei que comes por aí, não vais a casa. Escolhemos um restaurante recatado e temos todo o tempo para falar.

— Nem pensar nisso! — é a minha resposta imediata, farejando ciladas. — Costumo sempre almoçar com uns colegas. Não, não pode ser.

A boca dela, que é a da imagem erótica mas não tão grossa, tão vermelha, distende-se num sorriso experiente.

— Um dia não são dias. Escolhes tu o restaurante. Ninguém precisa de saber.

— Peço desculpa, mas não. Há-de haver outra maneira.

E já penso na Lúcia, se viesse a saber disto, trapalhadas. Torno a dizer que não. Que passem por aqui ao fim da tarde, quando a empresa fechar. Prometo ouvi-los nesta mesma sala o tempo necessário. É o melhor. Está combinado.

Pela primeira vez, o Zé quebra o silêncio. Ouço-lhe a voz de baixo, persuasiva:

— A senhora sua prima está a dizer-lhe que quer almoçar consigo.

É uma ameaça, eu sei. Apesar disso, volto à minha. Que tenho o dia todo programado. Até o almoço o destinei a tratar de assuntos importantes. Talvez num outro dia, hoje não, é impossível.

E o homem, visivelmente contrariado por o obrigarem a falar de novo:

— Esta senhora está a dizer-lhe que quer almoçar consigo.

Tem uns punhos possantes e é uns oito ou dez centímetros mais alto do que eu. Sem falar no arcaboço. Marido não creio que seja. Nem falaria dela assim. Virá apenas para fazer cumprir a vontade da dama que acompanha?

Tenho visto cenas destas no cinema. O que se segue normalmente é um soco no estômago. Pelo menos.

— Bom.

Sinto vergonha por deixar-me vergar desta maneira e uma curiosidade muito grande por saber de que se trata.

Explico onde fica o restaurante onde vamos encontrar-nos (bem longe da empresa), digo a hora e insisto, tudo com muito pouca calma, desgostoso de mim e da vida em geral, da minha família toda que teve tias Dores capazes de fabricarem uma menina como esta. De topete.

Todo o resto da manhã me rende pouco, mais infeliz que irritado com as graças do Magalhães, lá da sua secretária: «Temos mourinha na costa! E que mourinha!» Enquanto eu penso no que devo contar de tudo isto à Lúcia, se devo contar tudo, se não devo contar nada. Mas se nem sei de que se trata!

O que primeiro me surpreende é que ela está sozinha sentada a uma mesa, num vão propício da casa, junto duma coluna. Sozinha à minha espera. Olho prudentemente à volta. Nem sombra do grandalhão. E na mesa apenas dois talheres.

— Sozinha?

— Achei que era melhor. Podes beijar-me.

— Para quê?

— Dois primos podem beijar-se, não?

Beijó-a na face, ou no ar, mal roçando a cara pela dela, tal qual faço com qualquer outra mulher acabada de conhecer. Ela percebe, mas não se dá por achada. Tem manifestamente a escola toda. Já encomendou o almoço, não se prende com tricas. Põe manteiga em pedacinhos de pão e mastiga-os com verdadeiro prazer.

Vem a sopa. Comemos a sopa. Ela começa:

— Tu lembras-te de a gente brincar no celeiro que havia por trás da casa da tua tia Dorés?

— Absolutamente nada.

— Mas lembras-te do celeiro...

Um perpassar de encantamento na voz velada, quase rouca. Um campo extenso e pouco acidentado com árvores retorcidas, distantes umas das outras. Comprida casa térrea muito branca com um barracão de madeira velha atrás. Um cão que só alguns conseguem dominar. Um cão correndo.

— Talvez sim.

Desencantadamente:

— Só talvez?

— Era uma espécie de barracão comprido e escuro, não é isso?, sempre com muita palha, pás, enxadas.

— Exactamente. E não costumavas ir brincar lá para dentro? Vê se te lembras.

— É possível, sei lá. Como é que hei-de lembrar-me depois de tanto tempo? E isso interessa alguma coisa para o que tens a dizer-me?

— Muito. Vê se te lembras.

— Como é que hei-de lembrar-me? Vamos mas é ao teu assunto. Não posso estar aqui o dia inteiro. Entro às três.

Ela teima, esforça-se, repete. Como se, estando eu deitado em cima dela, indiferente, não desistisse de comunicar-me o seu calor, de entusiasmar-me.

— Vê se chegas a lembrar-te. Vá. Vê se chegas a lembrar-te. Com quem é que tu brincavas?

— Impossível.

— Faz um esforço, vá lá. Eram só rapazes?

— Sei eu bem! Rapazes e raparigas, com certeza, miudagem.

— Miudagem -- diz ela. — Era isso mesmo.

Bebe um gole de vinho, limpa a boca, ri. — Mas o tempo foi passando. E os miúdos cresceram. E as brincadeiras mudaram. Já estavas bem crescido e ainda ias rebolar-te na palha do celeiro.

Desfocadamente julgo ver o que ela chama celeiro. Um janelo lá ao fundo, tudo o resto muito escuro, excepto, no lado oposto, a zona em frente da porta quando a deixavam aberta ou encostada. Tropeçava-se em ferramentas de lavoura, cestos velhos.

— Rebolar-me, eu? E já crescido?

— E de que modo! Também esqueceste a Ana?

Ela deixa o garfo no prato (estamos comendo uma carne muito tenra e bem temperada que me vai custar os olhos da cara) para pousar os dedos, logo a mão, em cima da minha mão. Pousa-a só, primeiro. Mas já está exercendo nela — e assim me impede de comer — uma leve pressão, lume brando que depressa aquece e que, devo confessar, não me deixa indiferente. Como devo confessar também estar convencido de que, por baixo da mesa, o encontro do seu joelho direito com o meu joelho esquerdo não pode ser simples obra do acaso.

— A Ana.

Vê-se que põe neste nome muita esperança. — A Ana! Realmente não te lembras da Ana? Como a podes ter esquecido a esse ponto?

Nem retiro a mão nem afasto o joelho. Pelo contrário, respondo. Sou na verdade facilmente impressionável. É o que deve concluir-se

— Mas a que vem isso agora?

Digo-o ligeiramente contrariado. Porque, para ser sincero, o que me apetecia dizer neste momento é: que interessa senão esta mão, este joelho? Estouvadices. E preciso de um domínio realmente notável para não aproximar a outra perna, deixada livre e inútil.

— A Ana era com quem tu brincavas mais — explica a minha companheira de mesa, com um fiozinho de mágoa na voz fosca.

— Brincavas com ela horas seguidas sobre a palha do celeiro da tua tia Dores. Então já não havia miudagem.

Volta a levar o copo à boca, enxuga-o com a ponta do guardanapo, deve ter a garganta muito seca.

— Já não havia miudagem. Tinham crescido, desaparecido cada um para seu lado. Tu próprio só voltavas nas férias. Mas então que desforra! Encontravam-se no celeiro, qual de cima, qual de baixo, é impossível que não consigas lembrar-te. E foi tanta a brincadeira que, quando partiste com os teus pais para sempre, a Ana estava grávida.

Subitamente a minha mão encolheu-se, retirou-se, o meu joelho afastou-se. Fico a olhá-la com verdadeiro estupor.

— De que estás a falar? Que história é essa? Não conheci Ana nenhuma.

Ela tenta restabelecer os contactos, sobretudo sob a mesa. Mas em vão. Todo eu me retraio. A sua voz faz-me agora evocar coisas que pouco aprecio: fado, noitadas, cabarés baratos. E ouço o que não esperava:

— Essa Ana sou eu.

Rapariga infeliz, com os ombros caídos, numa praça deserta. Talvez tenha tranças, um vestido de luto, sem ninguém.

— Devias recordar-te de que era assim que a minha mãe me chamava. Não gostava de Juliana, nunca soube porquê. Ou achava o nome grande de mais, não sei.

Razão tinha eu para pensar em ciladas. Não, porém, deste coturno. Ela recomeça a comer, imperturbável. Eu também. Mas, ao contrário, bastante perturbado e sem vontade. A carne esplêndida parece-me borracha. Tentar comer dá-me, contudo, tempo para pensar.

— E então, se estava grávida, o que é que aconteceu? Fez um aborto?

— Um aborto, eu? A minha mãe matava-me. Deves lembrar-te ao menos de como era a tua tia Dores.

— Nesse caso, a senhora tem um filho.

— Temos um filho, é isso.

E tenta agarrar de novo a minha mão. Agora que lhe dava tanto jeito. Agarrar-me. Grudar-se.

Cobre-se-me a testa de suor. Gelado. Esbofeteá-la, eis o que mais desejo. Esbofeteá-la. Porque esta mulher mente. Que Ana? Que Juliana? A tia Dores tinha um filho, está-me vindo à memória, o Arturinho. Nenhuma filha. Até eu vir da terra, pelo menos. Como poderia eu lembrar o filho e não a filha, se existisse? Precisas de calma, meu rapaz, de muita calma. Um pé em falso e já está.

— Comemos doce?

Digo-lhe que não quero, mas que pode escolher o que quiser. A grande cabra, penso. Enquanto a vejo percorrer a carta com uma serenidade impressionante. Vem um doce imenso e fofo, todo natas e molho de chocolate quente, que ela ataca, devo reconhecê-lo, com requinte. Gulosa, claro. Que seria de esperar?

— Se há um grão de verdade nessa história toda, por que é que não deu sinal de vida quando a criança nasceu?

Ela tira pequenas colheradas, ora de um lado do doce, ora do outro, fazendo-o render.

— Porque a minha mãe se opôs a isso terminantemente. Ela odiava o teu pai, ou não sabias? Preferiu que o neto fosse dado como filho de pai incógnito a aceitar qualquer ligação com os teus. Era um ódio lá de dentro. Enquanto foi viva nunca consentiu que eu sequer te escrevesse. Que tínhamos o bastante para criar o miúdo e que nem queria ver na frente esse malandro. Que eras tu.

Sorrio perante a fragilidade da história.

— Enquanto foi viva nunca consentiu. Mas a senhora disse esta manhã que ela morreu há dez ou onze anos. Quem a impediu de procurar-me durante tanto tempo?

Tem o doce no fim, não pode afastar os olhos.

— Pois é. Acho que foi respeito pela memória dela. E porque nunca precisei.

— E agora precisa?

— Sim, preciso muito.

Está lambendo a colher. Libidinosamente.

— Quantos anos tem o rapaz?

— Quinze. Vai fazê-los para a semana.

— E que é que ele faz? Estuda?

— Estuda pouco, mas estuda. Quer dizer, tem andado nos estudos. Mas daqui em diante não sei se terei meios e por isso é que vim.

— Foi ideia só sua?

— De quem havia de ser? Mas falei com amigos, todos pensam o mesmo. Por que é que deixaste de me tratar por tu? Agora há ainda mais razão para isso, não?

Chamo-lhe mentalmente todos os nomes que sei.

— Isso interessa muito pouco. O que interessa é saber o que a senhora pretende. Que eu perfilhe o seu filho?

— O nosso filho.

— É isso o que pretende?

— Seria justo, não?

— E como provaria que sou eu o pai?

— Toda a aldeia sabe. Seria fácil fazê-la testemunhar.

— O quê? Depois de tanto tempo? E houve gente lá no tal celeiro a ver que fui eu que lho fiz? E que não houve mais ninguém na sua vida nessa altura? Só nas minhas férias é que a tal Ana ia rebolar-se na palha? Minha amiga, ou a senhora é muito ingénua ou julga-me completamente parvo.

— Foi um grande escândalo na terra. Toda a gente falava, toda a gente sabia.

— E isso prova que fui eu?

Um golpe de surpresa:

— Que é que pensa o Artur de tudo isto?

— Qual Artur?

— Qual havia de ser? O seu irmão.

Ela nem pestaneja:

— Foi para o Brasil há muitos anos. Não sei nada dele.

— Ah foi para o Brasil. E antes ainda de se perceber que estava grávida?

— Acho que sim. Pois foi. Foi muito antes.

la jurar que ouviu falar no Artur pela primeira vez. Ela não tem nenhum irmão Artur. É tão filha da tia Dores como eu. Raios me partam se não dou cabo dela. Delírios, claro.

— Posso mandar vir fruta?

— Se quiser.

Encomenda uma laranja descascada e consulta-me com os olhos, como se estivessemos na mais normal das situações: que fruta vou eu escolher. Respondo para o empregado:

— Para mim, só café. Mas depois. Quando trazer para a senhora.

Já ela corta os gomos da laranja e os ensopa no sumo que foi ficando mais espesso com o açúcar. Atiro barro à parede, insinuando que ela fantasia, que talvez nem seja mãe.

Sem deixar de mastigar a sua bela laranja, abre a mala e pranta na toalha, debaixo dos meus olhos, um bilhete de identidade. Renato Sousa Pereira. Filho de Juliana Sousa Pereira e sem nome de pai. O retrato não diz nada: melena trivial, cara sobre o redondo. Pela idade, admissível. Mas este mesmo bilhete pode servir de pretexto para iniciativas semelhantes junto de quantas pessoas? Embora tudo tenha sido meticulosamente medido e calculado. A tia Dores devia ser de facto Pereira (do marido) e muito possivelmente Sousa (de solteira), como eu sou. Uma filha dela poderia muito bem ser Sousa Pereira. E um filho desta, sem nome de pai, a mesma coisa. Coincidências bem aproveitadas, portanto. A menos que o bilhete seja falso.

Que estupidez! Porque hei-de sujeitar-me a esta vigarice? Por simples covardia? É um golpe grosseiro. Num abrir e fechar de olhos, a Polícia deitar-lhes-á a mão, sem que eu tenha de despendar seja o que for, mesmo provisoriamente. Mas a verdade é que eu daria de vontade algum dinheiro para me deixarem em paz. A adolescência, a aldeia, as moças com quem «brinquei» ou não «brinquei», e como, e onde, e quando. Que certezas posso ter sobre isso tudo?

E aqui está ele. De trás de coluna próxima, aparece, agora sorridente o grandalhão. Senta-se à nossa mesa sem esperar que o convidem. Parece ocupá-la logo toda. Como eu temia, é uma cilada.

— Aqui o cavalheiro oferece-me um cafezinho e um conhaque?

Mando vir café para os três, conhaque para ele.

— E que tal? Chegaram a algum acordo?

Terá pois ouvido o que dissemos. Achou que era altura de intervir. Ou exagero?

— De acordo? Esta senhora sofre de delírios e eu não sou psiquiatra.

Olhar trocado entre os dois. Têm um código próprio, já entenderam tudo muito bem.

— Pois é — diz o gigante, adoçando lentamente o seu café.

Não lhe chegam dois saquinhos de açúcar. Pede um terceiro e despeja-o quase todo.

— Pois é. Aqui a Juliana às vezes tem visões. Eu já lhe tenho dito.

A voz de baixo, que mal se fez ouvir da parte da manhã, domina agora a situação. A Juliana, saboreando o café e fumando, fumando, passou quase a figurante. Tira um espelho da mala, retoca os estragos que o almoço produziu na maquilhagem.

— Pois é, eu bem lhe disse. Ele não te perfilha o rapaz. Disse-lhe mais duma vez. Não há provas bastantes.

— Bastantes ou nenhuma?

— Lá isso, mais devagar. Se a gente quisesse mesmo, talvez lá se chegasse. Pode ter a certeza que havíamos de lá chegar. Mas dá trabalho, leva tempo, é uma chatice. E, eu já lhe tenho dito, é destas coisas. Se o rapaz pôde passar sem pai até hoje, para que precisa disso agora?

A Juliana não interrompe, não discorda, continua a fumar, como se houvesse terminado o seu papel e aguardasse a conclusão do espectáculo para voltar a casa.

— Se só se tratasse de nome, de lhe dar um nome, ora, ora. Até eu não me importava de lho dar.

— Ah não?

— Fique a saber que não.

— Então para que foi esta trapalhada toda? Se o senhor está disposto a perfilhar o rapaz, para que vieram ter comigo? De que é que afinal se trata?

— Ó cavalheiro, mais um conhaquezinho, não se importa?

Vem o conhaque, ele emborca-o quase duma vez, põe as cartas na mesa:

— Trata-se de dinheiro.

Nada que eu não esperasse. Mas que dinheiro? Quanto dinheiro? E, no fundo, porquê? Tudo isto é uma cabala, um conto do vigário. Nunca conheci a mulher com quem acabo de almoçar ou conheci, sei lá, mas não sou pai de ninguém. Falo vagamente na Justiça. O Zé passa as mãos pelos pulsos, bate com elas na peitaça, aliás sem alarde. Que a justiça está ali.

— Mas se o cavalheiro quer meter a Justiça nisto, então não se incomode. Nós é que vamos atirar-lhe com ela para cima. Testemunhas? É quantas ela quiser. Quem é que não está disposto a ajudar uma pobre rapariga, vítima de violação e que aguentou sem se queixar uma vida de privações para criar um filho sem a ajuda de ninguém?

— Questão de dinheiro também?

— O quê? As testemunhas? Pois que havia de ser?

Percebo o plano. E a perturbação que impende desde agora sobre a minha vida. Uma barragem de telefonemas e de cartas anónimas. A Lúcia para sempre na dúvida, custando-lhe acreditar em mim daqui para o futuro. Um verdadeiro inferno. Se eu ao menos pudesse pregar dois estalos neste safardana.

São quase horas de voltar ao trabalho. O melhor é dar dinheiro e livrar-me disto. Abrevio:

— E quanto? Em quanto é que pensaram para me desampararem a loja para sempre?

A Juliana sorri-me, lá dos bastidores, com a mesma expressão desta manhã, um tanto sobranceira, um tanto maternal. Mas é ele que dirige o negócio.

— Aí está uma coisa difícil de calcular. É preciso pensar primeiro em quanto o cavalheiro poupou — e ela gastou, a pobrezinha — desde o nascimento do miúdo e ainda antes. Já lá vão quinze anos, pouco falta.

Desavergonhado e peganhento. Tento despegar-me do seu visco.

— Já está assente que eu não tenho nada a ver com isso. Inútil voltar à mesma. Não percamos mais tempo.

— Assente, assente é uma maneira de dizer. Quem lhe fez o filho não fui eu, que nem sequer ainda a conhecia.

— Nem eu.

— Não é o que ela pensa, como sabe. As mulheres não esquecem quem lhes abriu as pernas pela primeira vez.

— Só conheço esta mulher desde hoje. Já lho disse e repito.

— Mas está bem. Deixemos cair os primeiros anos, quando a avó estava viva, visto que ela é que impediu a Juliana de o chamar à pedra na altura. Era o que devia ter feito se tivesse alguma coisa no bestunto. A culpa é também dela, estou de acordo.

Todo compreensão, pronto a negociar.

— Dela e de um ele que não se sabe quem é. Nem ela o sabe com certeza.

O Zé incha de espanto, todo formalizado. Parece que a gravata lhe vai saltar do colete.

— Ó cavalheiro! — e arredonda os olhos. — Veja lá o que diz. Há coisas que não se dizem duma senhora.

E há coisas que uma senhora nunca faz, digo cá para comigo, avaliando a robustez do bruto que me coube em sorte.

Mas passou. Ele vem às boas. O bago é que está em jogo. Se não quero perfilhar o rapaz, não perfilho, acabou-se. Compreende. Sou casado. Tenho a minha posição. Ia ser uma complicação de todos os diabos. Há por aí muitos casos assim, o mundo é este, não vamos querer endireitá-lo. Cabeçadas qualquer dá. Que é que eu diria, ponhamos, a mil e quinhentos contos para se pôr uma pedra no assunto?

O homem olha-me de cima, como que protector, cruzando e descruzando os dedos grossos, único sinal da grande expectativa que o morde por dentro. Sem poder imaginar o pânico que surge e alastra em mim. Mil e quinhentos contos é mais do dobro do que tive alguma vez no Banco. Neste momento, nem um quarto desta quantia lá existe, comprometido aliás em grande parte com prestações a pagar. Nem poderia levantá-lo sem falar nisso à Lúcia.

— O que é que diz? Esperava menos? Às primeiras, é capaz de parecer muito. Mas veja bem a importância da questão e de que se livra para sempre. E eu também, diga-me cá, para perfilhar o moço, enfim, preciso de dispor de algum. Não é negócio. É o que tem de ser.

O pânico (e esta é que eu nunca esperaria) dá-me para rir. E o asco. E a indignação impotente. Desato mesmo a rir. Estuda-

ram tudo muito bem, eles e outros certamente (deve ser um bando): o meu passado remoto, a aldeia e sua gente, a tia Dores desavinda com o meu pai, as datas, o bilhete de identidade, coincidente ou forjado. Inventaram-me uma prima e um filho dessa prima, que o será ou talvez nem exista, tanto faz, nunca jogaram na hipótese da perfilhação, o objectivo era dinheiro, muito dinheiro. Mas enganaram-se na escolha da vítima. Totalmente. E por isso é que rio.

Tudo seria mais ou menos deste modo: eu dava-lhes agora uma quantia choruda com a promessa formal de se pôr uma pedra no assunto: daqui a algum tempo, nova exigência de dinheiro, com a ameaça de revelarem o segredo à Lúcia; tempos depois a mesma coisa; e assim pela vida fora. Desde que eu aceitasse, é claro, a possibilidade, mesmo que longínqua, de poder ser o pai. E se lhes cortasse as voltas, fingindo-me disposto a perfilhar o rapaz, que provavelmente nem existe? Mas pode existir, filho sei lá de quem. O apelido de Sousa, apesar de vulgar, abre um caminho. É perigoso.

— De que se ri?

O grande Zé não compreende. A Juliana também não. Um truque meu?

Pago a conta (bem puxada), digo que estou na hora, que a minha empresa ainda fica distante, como sabem. E então o matulão planta-se lesto à minha frente.

— Mas que é isto?

Uma prega na testa, muito funda, mostra o esforço que fará para entender o que se passa. — Mal começámos a conversa.

— É que eu tenho de ir indo. Está-se a fazer tarde para mim.

Mostro-me decidido e tão grande mudança sobressalta-o.

— Olá!

Fila-me por um braço com a convicção bastante para que eu desista de qualquer veleidade. Daqui não saio, é manifesto, sem a conversa prosseguir e chegarmos a acordo.

— Estamos entre gente séria, cavalheiro. A palavra é para ser cumprida. Se se faz tarde, vamos falando pelo caminho. Mas isto não são modos.

Com o gordo garrote dos seus dedos no meu braço, ousou lembrar-lhe que tenho de ir sozinho. Foi o que se combinou: só estaríamos juntos aqui no restaurante.

— Fiquemos então aqui.

E, pronto, já me sentou. Cada um de novo em seu lugar. A Juliana acha que beberia outro café. Novo café para os três. Não está nada bem disposto o mastodonte.

— Íamos em mil e quinhentos contos — recomeça. — Qual é a sua contraproposta?

— Não tenho contraproposta.

— Estás a ouvir isto, ó Juliana? Que não tem contraproposta.

— E não tenho — digo eu, sem sombra de ironia nem de perturbação.

Reparo no facto dificilmente explicável de que não falo propriamente contra eles, mas como se estivesse de algum modo do seu lado. Experimentando a mesma desilusão. Custando-me a acreditar ou lamentando o que eu mesmo estou dizendo.

— Vocês enganaram-se na porta. Foi azar. Nunca tive dinheiro para tais cavalarias. Nem pensar. Foi um erro de palmatória.

Ponho os olhos nos olhos da Ana/Juliana: — De palmatória.

O Zé engole-me com os olhos, a prega funda na testa, todo inclinado para mim do outro lado da mesa. Supõe-me a brincar com ele. Está possesso.

— Não tenho dinheiro, não. E vocês sabem muito bem que nada me liga ao garoto, se garoto existe. Além disso — outro ponto importante, que vocês descuraram — a minha mulher compreenderá tudo isto sem grandes complicações. Não vale a pena tentarem fazer chantagem com ela.

— Não valerá?

A Juliana, pouco crédula, olhando-me de esguelha e sorrindo. Misteriosamente.

— Não vale, não. Podem ter a certeza. Portanto, que lhes resta? Baterem-me? Matarem-me? Por nada?

— Então acabou-se a história — conclui a Juliana, apesar de tudo um tanto divertida. Ou fingindo que sim.

— Ai acabou?

O companheiro é de outro parecer. Atençaõzinha. É preciso tirar tudo isto a limpo. Quem é que lhes diz que não estou para aqui a querer levá-los? Posso muito bem não ter aquela massa toda, vamos supor que não, mas ter algum ainda com interesse.

— Nem isso — digo eu. — Mesmo que, em vez dessa loucura, vocês me quisessem levar cem contos, cem míseros contos só, eu não poderia dar-lhos nesta altura. E, por cem contos, acham vocês que vale a pena correr os riscos a que uma transacção destas sempre expõe as pessoas? E a título de quê eu os daria? Só para evitar ver-me metido numa história suja que não tem pés nem cabeça? Para poupar a minha mulher ao vexame do que havia de constar?

Nenhum deles diz nada, os grandes filhos da mãe. Paro um pouco. E sai-me isto pela boca fora:

— Têm de recomeçar a estudar tudo do principio. Têm de explorar a história do Renato doutra forma. Vocês precisam de arranjar gente nos Bancos, dispor de informações seguras. Se soubessem o meu saldo de conta, não se tinham metido nesta parvoeira.

O Zé espalma a grande mão na mesa.

— Já percebi. O menino julga-se espertinho. Tenho conhecido gente assim aos montes. Está a pular-lhe o rabo na cadeira para ir daqui direitinho à Polícia. Mas cuidado.

— Polícia? Para que quero eu a Polícia? Nem sei como vocês se chamam, onde moram. Juliana é muito pouco, mesmo que assim se chame.

— Sabe? — torna o grandalhão, de seu natural desconfiado. — Não o aconselho mesmo nada a ir ter com a Polícia. Já há quem se tenha arrependido disso. E muito.

— Não pense em tal. Podem estar tranquilos.

E jogo tudo: — Até sempre.

O quê? Ele vai deixar-me levantar? Vai deixar-me partir?

Pois vai mesmo. Não sem antes me meter pelo ouvido dentro a sua respeitável voz de baixo:

— E quanto a isso do dinheiro é o que vamos ver. Voltará a ter notícias nossas.

Com a sua grande mão na minha, sacudindo-me da testa aos calcanhares:

— Não se esqueça, cavalheiro. Voltará a ter notícias nossas.

O resto da tarde é lento e morno. Analiso, confronto, rubrico, despacho folhas. Sem poder minimamente afiançar que esteja tudo certo. O Magalhães agasta-me: «Então a tal mourinha? E o matulão? Pisgou-se?» Até o Aníbal se permite abrir o bico: «Era um pedaço de mulher!»

Quando chega finalmente a hora da saída, deixo-me ir atrás de mim até à paragem do autocarro (mais de duzentos longos metros), espero na bicha, faço a viagem aos sacões, evitando as pisadelas e as mãos dos carteiristas, ando custosamente os vários quarteirões até chegar a casa. Uns metros antes da porta, junto ao passeio fronteiro, três ou quatro garotões (três ou quatro Renatos) entretêm-se a desmontar e a roubar o emblema de um dos carros ali estacionados. Com que saber do ofício! Um opera, os outros estão à coca. Vou puxar-lhes as orelhas até escorrerem sangue, corrê-los a pontapé. Mas desvio os olhos. Tem juízo.

O que quero é chegar antes da Lúcia. É o que importa mais. Entro, não está ninguém (senão teria a casa outra cara, talvez houvesse flores), tomo um duche bem quente para ver se me passa este cansaço e o aspecto lastimável que acabo de ver no espelho. Faz-me isto bem. Bateria quase descarregada, mas enfim. Em roupão — insignia bendita do à-vontade total —, despejo e lavo os cinzeiros que deixámos por limpar esta manhã, pego num livro, espero. Sem pensar em nada. Esforçando-me por não pensar em nada.

Mal chega, porém, a Lúcia, fico todo a descoberto.

— Mas que cara! Aconteceu-te alguma coisa?

— Que havia de acontecer-me? Estou cansado. A noite passada mal dormimos, não te lembras?

— Onde isso vai! A noite passada foi há um ano ou mais.

Fala alegremente e muito alto. Está na casa de banho, onde se foi lavar, mudar de roupa. É bom senti-la em casa, ouvir a água correr, ter nas mãos este ou outro livro aberto, mesmo sem olhar para ele.

Mas dá-me um baque o coração. O cinema! O filme do Godard! Onde arranjarei forças para vestir-me, Santo Deus, voltar à rua, regressar? Adiar, impossível. Seria preciso entrar em longas explicações a que não quero nem posso aventurar-me agora.

Todavia — milagre! —, a Lúcia sai da casa de banho em roupão também e, ou me engano muito, ou toda ela vem disposta a deixar-se assim ficar.

Aquece a sopa, o arroz, uns pastéis de carne apetitosos que comprou no caminho, por isso chegou mais tarde. Eu ponho a mesa, tiro o vinho do frigorífico, jantamos preguiçosamente, mal trocando as palavras do costume. Também ela está cansada (aborrecida?), como vou percebendo.

— Alguma coisa correu mal?

— Nada, nada, o costume.

Não quer responder, portanto. Seria o último dos safados se pensasse agora no Alfredo. O escritório onde ela está — há tanto tempo! — não constitui propriamente o seu ideal. Embora ela não se lamente muito. Aguentar e cara alegre, a Lúcia é dessas. Passa-se a vida à espera de encontrar o trabalho ideal. Entretanto, há dias melhores, dias piores, nada mais. Hoje não foi possivelmente, também para ela, dos melhores.

E, enfim, sentamo-nos, delícia! Deixamo-nos cair no sofá que, dentro em pouco, será a nossa cama, aí onde os corpos se encontram, se penetram, tudo o mais desaparece.

Está o café a fazer. Esqueceu-se do filme do Godard ou magnéticos, misteriosos fluidos a terão alertado para o meu estado de espírito?

Chego-a para mim. Passo-lhe a mão pelos ombros, pela cintura. Mas ela solta-se logo (o café já ferve na máquina) e, a caminho do fogão, ergue um dedo a censurar-me. É verdade. Mais uma vez me esqueci de ir pôr o caixote na escada de serviço.

Depois volta. Com as chávenas. Que é que há hoje na TV? Não sei, não vi. Como é bom estar assim, tranquilamente com ela, nesta uma-assoalhada, quinto andar direito, ponta extrema e deserta dum velho continente: um cabo sem farol!

Nada de entrevistas no programa de hoje. A TV vai dar um filme, faço ideia que filme, não interessa.

E, de súbito, o telefone. Raios partam os telefones. Deviam cortar os fios todos de telefone a certas horas. Chatice pela certa.

— Está?

Do outro lado, uma voz sobre o rouco e envolvente, toda cumplicidade:

— É a Juliana.

Maldição!

— Com quem deseja falar? Não, não, deve estar enganado. Não há aqui ninguém com esse nome.

— Engano? — diz a Lúcia com os olhos no *écran*. — Não parecia voz de homem.

Eles irão recomeçar? Será possível? Já? Repugna-me mentir. É um remorso. Mas hoje tem de ser. Faltam-me as forças, poder de convicção. Ficará para amanhã, para depois.

Não li o genérico do filme nem sei sequer como se chama. Volto a recostar-me ao lado dela no sofá. Chego-a bem para mim. Estamos mais deitados que sentados, mãos nas mãos.

Alguém foge duma casa à direita, cuja porta se abriu com estardalhaço. Correrias. Um carro que capota. Tiroteio. Uma cara de mulher alucinada ocupa o *écran* todo. «Que se passa? Que é isto? Que se passa?»

1985